

AUTOR

Ricardo Martins*
ricmart@indiana.edu* Doutorando em
Literaturas Lusófonas
pela Indiana University
(Estados Unidos).

Kfouri, um irritante vencedor

*Kfouri, un irritante ganador**Kfouri, an annoying winner*

Kfouri, J. (2017). *Confesso que perdi: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras. ISBN: 8535929738.**RESUMO:**

O livro *Confesso que perdi: memórias* traça um panorama da carreira do jornalista esportivo brasileiro, desde seus primeiros passos no jornalismo na década de 1970, passando pelo seu envolvimento com os movimentos de resistência à ditadura, até seus trabalhos na Rede Globo de televisão e na revista *Placar*. Kfouri analisa momentos históricos no país (a ditadura, a Copa do Mundo de 1982, o esquema de compra de resultados no futebol), assim como contrasta a relação do esporte, especialmente o futebol, com escândalos de corrupção no Brasil e no mundo. Ao expor o envolvimento de políticos, atletas, jornalistas e personalidades nesses escândalos, Kfouri demonstra como não se omite diante de situações que causaram (e causam) desconforto e constrangimento no meio esportivo. Apesar da abordagem direta, a linguagem de Kfouri é leve, quase um bate papo, e isso torna a leitura, do ponto de vista prático, agradável, e do ponto de vista histórico, indispensável.

RESUMEN:

El libro *Confesso que perdi: memórias* traza un panorama de la carrera del periodista deportivo brasileño, desde sus primeros pasos en el periodismo en la década de 1970, pasando por su implicación en los movimientos de resistencia a la dictadura, hasta sus trabajos en la Red Globo de televisión y en la revista *Placar*. Kfouri analiza momentos históricos en el país – la dictadura, la Copa del Mundo de 1982, la trama de compra de resultados en el fútbol – así como contrasta la relación del deporte, especialmente el fútbol, con escándalos de corrupción en Brasil y en el mundo. Al exponer la participación de políticos, atletas, periodistas y personalidades en esos escándalos, Kfouri demuestra que no se omite ante situaciones que causaron – y causan – incomodidad y estreñimiento en el medio deportivo. A pesar del enfoque directo, el lenguaje de Kfouri es ligero, casi una charla, y eso vuelve la lectura, desde el punto de vista práctico, agradable, y desde el punto de vista histórico, indispensable.

RESUMO:

The book *Confesso que perdi: memórias* traces a panorama of the career of the Brazilian sports journalist, from his first steps in journalism in the 1970's, through his involvement with resistance movements against the dictatorship, to his work on Rede Globo broadcasting company and in magazine *Placar*. Kfouri analyzes historical moments in the country – the dictatorship, the 1982 World Cup, the scheme of buying results in football – as well as contrasts the relationship of sports, especially football, with corruption scandals in Brazil and worldwide. By exposing the involvement of politicians, athletes, journalists and personalities in such scandals, Kfouri demonstrates how he does not ignore situations that have caused – and cause – discomfort and embarrassment in the sports environment. In spite of the direct approach, Kfouri's language is light, almost a chat, and this makes the reading, from the practical point of view, pleasant, and from the historical point of view, indispensable.

Em *Confesso que perdi: memórias*, lançado em 2018 pelo jornalista, cientista social, apresentador de televisão, comentarista esportivo e corintiano Juca Kfouri, há uma mistura entre jornalismo investigativo e análise histórica, opinião pessoal e certo tom de ironia crítica, especialmente no que diz respeito à corrupção no Brasil. Ao revisitar episódios pessoais dentro e fora das quatro linhas, Juca Kfouri conduz o leitor por um passeio histórico, pelos bastidores do mundo jornalístico, futebolístico e até mesmo policial da história recente do país. A partir de sua experiência profissional, iniciada em 1970 na editora Abril, passando por sua experiência na televisão como jornalista na Rede Globo, diretor da revista *Placar* e da revista *Playboy*, Juca Kfouri diverte o leitor com peculiaridades, assim como exemplifica, através da sua própria trajetória, o ideal de jornalismo honesto, direto e incondicionalmente verdadeiro.

Neste livro de memórias, sexta publicação do autor, Kfouri traz à tona o que muitos desconhecem sobre sua vida, seu passado de militância política e seu envolvimento direto com os movimentos de resistência à ditadura. A sua experiência junto a torturadores, ainda que de forma indireta, evoca o terror que permeava a sociedade durante os anos mais duros do governo militar. O contato com Joaquim Câmara Ferreira (“Comandante Toledo”), que após o assassinato de Carlos Marighella passou a coordenar a Ação Libertadora Nacional (ALN), foi breve, mas marcante. Kfouri dedica a Ferreira um especial agradecimento. Segundo o autor, Ferreira evitou que, de fato, ele se tornasse um guerrilheiro e pegasse em armas contra o regime. Os episódios narrados por Kfouri sobre este período não chegam a ser viscerais, mas nem por isso deixam de ser incômodos, pois servem de alerta a certos padrões que se repetem em países latino-americanos (envolvimento político na mídia, ataques à liberdade de imprensa, manipulação de informação, censura).

Ao reviver os episódios ocorridos durante a ditadura, e recontar sua versão dos fatos, Kfouri já dá sinais do que seria mais evidenciado durante sua carreira jornalística. Um estilo direto e sem meias palavras, expondo as podridões que desde sempre infestaram o nosso meio esportivo, não se curvando a ameaças, e conduzindo com muita determinação um viés investigativo até então não praticado no Brasil. O jornalista apresenta de maneira direta, ainda que com uma linguagem simples e de fácil leitura, episódios lamentáveis que fizeram parte da história brasileira. Tortura, física e psicológica, além do assassinato de pessoas contrárias ao regime ditatorial no Brasil, são tratadas de forma séria, assertiva e crítica.

Do jovem ainda sem rumo a um determinado defensor das liberdades de imprensa - liberdades cuja defesa Kfouri ainda manifesta amplamente em seus artigos e publicações online -, o jornalista traça um histórico da relação entre o futebol, a política e a corrupção, tão atual hoje como nas décadas de 1970-1980. Os seus primeiros passos no antigo Departamento de Documentação da Editora Abril (DEDOC, *Placar*, *Playboy*), o levaram a ser o chefe de reportagem da revista *Placar*, na época a mais popular revista sobre futebol no Brasil. Kfouri reconta o ponto crucial de sua carreira, com a reportagem sobre a chamada “Máfia da loteria esportiva”, em outubro de 1982. Nesta reportagem, conduzida por Sérgio Martins, a revista *Placar* escancarou o esquema de compra de resultados das partidas no Brasil, e sobre como havia, de fato, um esquema muito bem articulado na manipulação de resultados. As consequências para os envolvidos foram quase nulas, ainda que, hoje em dia, pode-se dizer que os efeitos da investigação, assim como seu impacto no jornalismo investigativo, sejam evidentes. Os escândalos subsequentes envolvendo a Fifa, entidade máxima do futebol mundial, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), seus representantes e empresas relacionadas, trazem à tona a ineficácia dos órgãos mundiais em policiar tais organizações, dentro e fora do Brasil. A impunidade, aparentemente, ainda continua sendo a prática comum, se levarmos em conta que, apesar do recente banimento do ex-presidente da CBF, Marco Polo del Nero, do mundo do futebol, não houve nenhuma consequência jurídica ou financeira.

PALAVRAS-CHAVE

Kfouri; jornalismo esportivo; futebol, Confederação Brasileira de Futebol, corrupção no esporte.

PALABRAS CLAVE

Kfouri; periodismo deportivo; fútbol; Confederación Brasileña de Fútbol; corrupción en el deporte.

KEYWORDS

Kfouri; sports journalism; football; Brazilian Football Confederation; corruption in sports.

Recibido:
28/04/2019

Aceptado:
27/02/2019

Kfouri também proporciona ao leitor a oportunidade de reviver momentos históricos do esporte nacional, como o Campeonato Paulista de 1977, vencido pelo Corinthians (time do coração de Kfouri), após 23 anos sem nenhuma conquista na competição estadual. A sua experiência pessoal, retratada com a veracidade de quem estava no estádio, contrasta com a euforia do torcedor comum, completa, extática, confusa. Kfouri termina a celebração com uma bandeira – de dono desconhecido – na mão. Outro episódio marcante, talvez um dos mais dramáticos da história futebolística brasileira, ao lado do *Maracanazo* de 1950, foi a eliminação da seleção brasileira pela Itália, em 1982. Liderada por um técnico que era na época unanimidade entre jornalistas e atletas, Telê Santana, e com um time repleto de estrelas, entre elas Zico, Falcão, Reinaldo, Júnior e Sócrates, a “Seleção Canarinho” foi eliminada de maneira inacreditável, acabando com o sonho do tetracampeonato brasileiro. Esta e outras situações do mundo futebolístico também são retratadas, assim como a relação do jornalista com a CBF, chamada pelo autor de “Casa Bandida do Futebol”, considerando-se as inúmeras irregularidades cometidas pela entidade e seus representantes. Uma vez mais, Kfouri trata do tema com a frieza do jornalista investigativo, mas que, como ele mesmo afirma, é parcial. Parcial, pois escolhe o lado da verdade, da retidão, da notícia sem viés partidário ou clubístico.

E é por isso que Juca Kfouri irrita. Pela parcialidade em direção à honestidade, à transparência, ao tratamento de questões controversas de maneira serena e direta, sem preservar personalidades em detrimento de princípios. Irrita, porque diante de escândalos envolvendo pessoas de imenso poder político e econômico, Juca não se omitiu. Irrita, porque não se curvou aos opressores, e se recusou a aceitar benesses em troca de convivência. Irrita, porque não se esconde atrás de um cargo político, e não se esquece de amigos que o ajudaram, mesmo quando muitos fogem do passado. Irrita, porque acima de tudo, e como também afirmou Darcy Ribeiro, Kfouri diz que prefere estar do lado dos perdedores - haveria de sentir muita vergonha em estar com os ganhadores. Talvez esta seja a única crítica ao autor, porque desta vez, quem saiu ganhando foi o leitor.